

Enlaces e desenlaces na obra de Machado de Assis



Carlos Eduardo Frazão Meirelles¹

A convite de Carla Bohmer, e juntamente com Welson Barbato, realizei em 2015 um Espaço Aberto no Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, antecipando o tema de 2016 da Internacional dos Fóruns (IF) e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) – “Enlaces e desenlaces segundo a clínica psicanalítica”. A proposta foi discutir a literatura de Machado de Assis.

Recuperando um estudo anterior (MEIRELLES, 2004) sobre o livro de contos “Papéis Avulsos” (1882/1959) de Machado de Assis, apresentamos uma hipótese de localização do inconsciente em um texto literário. Uma abordagem que se abstém do inconsciente do autor, considerado inacessível sem sua fala e aquém dos recursos estéticos literários, e que se centrou para além dos personagens tomados como sujeitos, na própria estrutura do processo narrativo e em que se revela uma divisão discursiva. Foram privilegiados dois contos do livro que, distintos em suas temáticas e estilos, permitiram apresentar a hipótese de pesquisa.

TEORIA DO MEDALHÃO

O conto “Teoria do Medalhão” (MACHADO DE ASSIS, 1882/1959, pp. 288-293) é um diálogo entre pai e filho. No dia em que o personagem Janjão completa a maioridade, seu pai lhe chama para uma conversa sobre o futuro: “O meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum” (*Ibid.*, p. 288), diz o pai ao filho. “Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti” (*Ibid.*, p. 289). Medalhão é um ideal, inalcançado pelo o pai, que busca realizá-lo com o filho. Como Freud elabora em *Sobre o Narcisismo* (1914/1996), as idealizações em torno das crianças constituem uma reedição do próprio narcisismo dos pais,

¹ Psicanalista. Membro da IF-EPFCL - FCL-SP.

perdido no passado, e substituído por um ideal. Antes que o filho possa dizer qualquer coisa este ideal já é o “nosso destino”, a “nossa ambição” (MACHADO DE ASSIS, 1882/1959, p. 288), indicando a alienação inerente a tal processo.

O pai propõe algumas estratégias para o filho se tornar um medalhão. “Idéias [...] o melhor será não as ter absolutamente [...]. As idéias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e precipitam-se” (*Ibid.*, p. 289). Propõe que melhor “[...] são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. [...] Reduzes o intelecto” (*Ibid.*, p. 290), “[...] o método de interrogar os próprios mestres e oficiais da ciência, nos seus livros, estudos e memórias, [...] traz o perigo de inocular idéias novas” (*Ibid.*, p. 291). Deve-se jogar bilhar, pois “[...] três quartas partes dos habituados do taco partilham as opiniões do mesmo taco”, e comentar crônicas de uma revista, pois “[...] 75 por cento [...] dos cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões”. Deve-se “[...] aceitar as coisa integralmente” tal como são (*Ibid.*, p. 291), as coisas tal como estão postas no mundo. A estratégia é a de alienação ao Outro.

Ao mesmo tempo deve-se usufruir dos “benefícios da publicidade”, de um modo tal que a “política” do medalhão pode ser definida pelo seguinte exemplo prático: “Longe de fazer um tratado Científico da criação dos Carneiros, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia trás a outra; cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo” (*Ibid.*, p. 291).

Entre pai e filho, a conversa transcorre como se tais estratégias fossem valorosas, qualidades de alguém grande e ilustre. Contudo, não há como não ouvir uma outra mensagem, que atribui aos personagens uma condição não muito grandiosa, de não possuir ideia própria, de redução do intelecto, resignação ao *status quo*, e notoriedade vazia, sem realização que a justifique. Essa divisão entre o que se passa entre os personagens e o que alcançamos como leitores é especialmente apreendida no que seria um elogio do pai ao filho: “Tu, meu filho, se não me engano, pareces dotado da perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício” (*Ibid.*, p. 289). Inópia significa escassez, insuficiência, miséria. Está dizendo que o filho é o perfeito idiota para ser um medalhão. No plano dos personagens o que se passa é o pai falando de uma qualidade louvável, uma capacidade, mas ao leitor passa uma ironia, um sentido contrário ao que se passa com os personagens.

A ironia, figura de linguagem que é uma característica da narrativa de Machado de Assis, permite forjar uma diferença ente enunciado e enunciação.

O ideal construído entre os personagens, de grande valor narcísico, sustentado por uma fantasia do pai, que recobre sua frustração do passado, é um ideal abalado e destituído pela outra mensagem que se enuncia no texto. Não há um enunciado direto que desqualifique ou critique aqueles que buscam notoriedade com recursos pouco nobres, mas há uma cadeia significativa ordenada nesse sentido.

Quem estaria enunciado essa crítica os personagens? Não há um eu que tome a palavra para explicar que os personagens celebram a mediocridade, seja o eu de um outro personagem ou de um narrador. Poderia se atribuir ao autor essa mensagem. É lógico que o autor é ciente do que está fazendo e todas as falas do conto vêm do autor. Mas autor permanece apagado, com o texto restrito ao universo da ficção, sem que o autor real apareça nele. Não é do lugar do autor que se enuncia a crítica. O que ocorre é que esse deboche aos personagens é um dizer sem um eu que o sustente, é um dizer acéfalo, como diz Lacan acerca da enunciação do sujeito do inconsciente. Esse dizer é efeito de uma combinatória significativa que produz uma divisão entre enunciado e enunciação.

A combinatória significativa pode ser situada pela conexão de *inópia mental* com os demais significantes depreciativos aos personagens: *reduzes o intelecto, longe de inventar, monotonia, chateza, vulgaridade, sintoma*. Há uma cadeia de representações que insiste em uma dada direção. Só que a essa cadeia é acrescentado um despiste, uma inversão no sentido contrário. Faz a conexão de inópia com *perfeição*, com *acima da obscuridade comum, acesso à terra prometida*, transformando a inópia uma qualidade e outros termos que valorizam a escolha por ser medalhão. Esse despiste, da inversão no oposto, é uma operação de deslocamento, que é mecanismo de linguagem por excelência que produz o velamento do sentido. A censura do sonho é realizada principalmente pelo deslocamento. Lacan indica que o deslocamento é o principal recurso da literatura realista, da qual Machado de Assis é um expoente. O “álibi perpétuo” (LACAN, 1957-1958, p. 83) de não saber ao certo se está lidando com um ou outro sentido do significante, álibi que “[...] joga com os contextos e os empregos” (*Ibid.*, p. 65), em que encontramos uma “[...] posição sempre dupla, de tal sorte que a todo momento há uma diplopia” (*Ibid.*, p. 82). Uma de suas dimensões é a dos “modos de expressão eufemísticos” (*Ibid.*, p. 76), como falar em inópia mental ao invés de idiota.

Como que acentuando a distância entre os personagens de uma Outra enunciação, o conto finaliza com o pai falando ao filho:

Somente não debes empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência,

contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cétricos e desabusados. Não. Usa antes a chalaça, a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véu, que se mete pela cara dos outros, estala como uma palmada, faz pular o sangue nas veias, e arrebeitar de riso os suspensórios (MACHADO DE ASSIS, 1882, p. 293).

Não debes empregar a ironia tem justamente o sentido inverso do que o texto faz em ato, sendo ela própria uma ironia. O personagem diz que o procedimento da ironia não serve aos seus propósitos de medalhão, enquanto a narrativa é o tempo todo irônica.

O ESPELHO: ESBOÇO DE UMA NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA

O conto intitulado “O Espelho: Esboço de uma nova teoria da alma humana” (MACHADO DE ASSIS, 1882, pp. 341-346) começa com uma discussão sobre a natureza da alma humana. Um dos personagens, Jacobina, propõe contar um episódio de sua vida para demonstrar que o ser humano possui não uma alma, mas duas, uma interior e outra exterior; e que a perda da alma exterior pode equivaler à perda de ambas. O personagem conta que quando jovem foi nomeado alferes da guarda nacional, passando a desfrutar de grande prestígio entre os conhecidos, principalmente em relação a uma tia, que o convidou a uma temporada em seu sítio, concedendo-lhe inúmeros agrados e privilégios, dentre eles o deslocamento a seu quarto de um rico e nobre espelho. Dois acontecimentos levam o personagem a ficar sozinho no sítio por alguns dias, quando passa a sentir sensações angustiantes, no corpo e na percepção da realidade, culminando no instante em que se olha no espelho, e vê sua imagem corporal fragmentada, as bordas soltas, linhas difusas, em uma experiência de horror. Tem a ideia de vestir a farda de alferes, o faz, e então vê sua imagem no espelho se tornar perfeita novamente, bem delineada, como um corpo reconhecível.

Autores da sociologia e da filosofia, como Antonio Candido e Alfredo Bosi, interpretam o conto como exemplo da determinação social do indivíduo, eu alferes como sendo uma construção social, nomeação vinda e sustentada do outro. A fragmentação da identidade é entendida como efeito da ausência desse outro, no caso do conto, o fato de ficar sozinho por alguns dias. Em uma leitura sociológica, Candido indica que a guarda nacional foi uma “[...] tropa de reserva no Brasil imperial que se transformou rapidamente em um simples pretexto para outorgar postos e uniformes atraentes a pessoas de certa posição” (CANDIDO, 1968/1995, p. 28). Uma forma política ainda

cotidiana no Brasil, de utilizar cargos e nomeações não por critérios de mérito, mas por interesses pessoais em redes de relações e trocas de favores. Bosi indica o posto de alferes como forma histórica brasileira de busca de “*status*” (BOSI, 1999, p. 24). Schwarz (1990/2000) destaca na obra de Machado de Assis formas de denúncia da contradição brasileira de adesão a ideias liberais em surgimento na Europa, com a manutenção de práticas provincianas, coloniais e escravocratas. Chama de desfaçatez a sustentação simultânea desses antagônicos, conciliação de contrários equivalente ao que na clínica observamos na estrutura do sintoma.

Com a teoria psicanalítica acompanhamos essa perspectiva de que a formação do eu e do sujeito ocorre a partir do Outro, ainda que em aspectos distintos da sociologia e filosofia. Uma leitura detalhada do conto revela uma riqueza de aspectos que assemelham a constituição do “eu alferes” ao que a psicanálise conceitua sobre a constituição do sujeito. Figuras do que a psicanálise situou como castração, com Freud, ou lógica da incompletude, com Lacan, são elementos que operam com o discurso crítico machadiano.

Quando o rapaz é nomeado alferes da guarda nacional, mobiliza entusiasmo e admiração. A mãe orgulhosa e contente, tios e primos felizes, todos passando a chamá-lo de “seu alferes” (MACHADO DE ASSIS, 1882/1959, p. 343), com reverência e consideração.

Vai então que uma de minhas tias, D. Marcolina, viúva do Capitão Peçanha, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês. E abraçava-me! Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como antes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o ‘senhor alferes’. Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o ‘senhor alferes’, não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido (*Ibid.*, p. 343).

O garoto recebe todos os privilégios como se fosse “sua majestade”, de modo semelhante ao que Freud aponta sobre as condições de instauração do narcisismo primário na criança. Recebe um investimento libidinal que o idealiza, como se possuísse todas as perfeições. Quem mais se entusiasma é sua tia, que chega a confessar inveja da moça que houvesse de ser sua

mulher. O desejo edípico manifestado corresponde a um ponto limite do desejo inconsciente, operativo para constituição do sujeito. Não significa que a tia queira de fato ter relações com o sobrinho, como os próprios acontecimentos demonstram. Inclusive porque como inveja, o desejo é situado já como interdito, considerando que uma outra mulher o esposará. O desejo edípico significa apenas que o sobrinho, ao ser nomeado alferes da guarda nacional, ficou em um lugar simbólico privilegiado na fantasia que estrutura do desejo da personagem. A tia Marcolina, viúva de um Capitão, tem agora o sobrinho em uma patente militar, ainda que de menor expressão. Em seu desejo de vê-lo, pede que leve a farda, a imagem corporal de militar. Ao acrescentar que não havia outro que lhe pusesse o pé adiante, a tia ainda reitera seu lugar privilegiado em relação a outros homens.

O reconhecimento do desejo edípico nessa passagem do texto não significa que se deva situar no Édipo a interpretação central e fundamental do texto, seguindo a ideia de ser complexo nuclear da neurose. Destacamos antes a riqueza simbólica do texto literário implicada na caracterização da gênese dessa nova identificação do personagem, uma construção que se utiliza de elementos apontados pela psicanálise muitos anos depois como fundamentais para a constituição de um sujeito, seja no que se refere ao imaginário do narcisismo, como em sua conexão com o simbólico do Édipo.

Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI (*Ibid.*, p. 343).

O gesto final de agrado ao alferes foi o deslocamento do grande espelho ao seu quarto. Não se trata apenas em um objeto para olhar-se, mas, além disso, de um objeto precioso herdado de uma linhagem feminina, e com referência a D. João VI, simbolicamente o líder maior dos militares do Império. O espelho metaforiza a cadeia simbólica que captura o personagem em sua identificação como alferes, e situa o olhar como objeto pulsional privilegiado.

O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu? O alferes eliminou o homem. A alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia

e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado (*Ibid.*, p. 343).

Em relação ao conceito de estágio de espelho como formador da função do eu, Lacan escreve que basta compreendê-lo “[...] *como uma identificação* [...]”, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (LACAN, 1966/1998, p. 97), ou na terminologia de Freud, quando assume uma “*imago*”. O conto machadiano apresenta uma dramatização que ilustra o conceito lacaniano de estágio de espelho. A partir desse momento do conto em que o personagem se faz exclusivamente alferes, inicia uma reviravolta que leva à derrocada de seu paraíso narcísico. Um desenvolvimento que, sem uma elaboração do personagem que inclua a castração, faz surgir de modo aterrorizante o que estaria velado pelo imaginário.

Tanto a teoria do personagem sobre as duas almas humanas, no início do conto, como as interpretações dos críticos literários, consideram que a causa da desagregação da identidade do personagem está no fato de ter ficado sozinho no sítio. Nesse ponto a psicanálise pode contribuir com a crítica da obra machadiana questionando se o simples fato de ficar só desencadeou a fragmentação da identidade, ou se haveria uma causalidade no significado específico dos acontecimentos que o deixam só no sítio.

“No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte” (MACHADO DE ASSIS, 1882/1959, p. 344). De modo fortuito surge a doença de uma das filhas da Marcolina, fazendo com que ela parta em socorro, levando junto o cunhado. “Creio que, se não fosse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado e iria comigo” (*Ibid.*, p. 344), lamenta o alferes. Busca uma justificativa para o fato de outro homem ter-lhe posto o pé a frente, apontando que não é o único objeto de desejo da tia. Ela diverte-se com o garoto fardado na tranquilidade do sítio, mas quando o assunto é sério, é o cunhado quem é chamado a comparecer. O alferes é destituído do posto e sua idealização é abalada. Ficar sozinho nessa condição não é apenas a ausência do outro da realidade, mas antes uma ferida narcísica. Em um primeiro momento encontra como que uma suplência nos agrados vindos dos escravos.

Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes, e a intimidade

doméstica interrompida. Eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes de minuto a minuto. Nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Pérfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados. [...] Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram (*Ibid.*, p. 344).

A fuga dos escravos também não é uma simples ausência física de pessoas do sítio, por que expõe o fato de que o alferes da *guarda* nacional não *guarda* coisa alguma. Como militar que exerceria o poder sobre os escravos, é uma furada. Expõe a verdade da nomeação para alferes, que não se sustenta por nenhuma capacidade ou proeza militar, mas por influência e puro status. Não passa de um garoto ingênuo que fica embasbacado com elogios e é facilmente enganado. Os escravos sabem do gozo do senhor, e ironizam o alferes, elogiando aquele que sabiam não ser de nada para segurá-los. É uma segunda destituição do lugar ideal de alferes.

Com breves lamentações, nada de mais significativo ocorre ao personagem para elaborar sua condição de castrado, nada retroage como interpretação de seu lugar de sujeito. Ninguém voltou naquele “dia” nem naquela “semana”. Numa “tarde”, o personagem começa “[...] a sentir uma sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular” (*Ibid.*, p. 344). “As horas batiam de século a século, no velho relógio da sala, cuja pêndula, *tic-tac, tic-tac*, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. [...] Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada” (*Ibid.*, pp. 344-345).

A perda da ação nervosa e muscular é uma perda que se inscreve no corpo. Não reconhecida no simbólico, como questão que vacila a identificação, retorna no corpo e na percepção da realidade. Nos episódios em que é preterido e feito de bobo, nenhuma ferida narcísica é reconhecida. Considera que se trata apenas da ausência de pessoas no sítio. Sente sua alma ferida a partir do pêndulo do relógio da sala. Ao longo de todo conto o personagem contabiliza o tempo e, nesse momento de contagem da demora da tia, os ponteiros pareçam lhe reiterar seu abandono como uma experiência de terror. O abismo, o cochicho do nada, são imagens do vazio. Não são exatamente a falta simbólica, mas uma imagem que aparece em seu lugar, de onde o afeto de angústia.

Aquilo de que tudo parte, com efeito, é a castração imaginária, porque não existe, por bons motivos, imagem da falta. Quando aparece algo ali, portanto, é porque, se assim posso me expressar, a falta vem a faltar. [...] A falta, se esta de repente não faltar, é nesse momento que começará a angústia (LACAN, 1962-1963, pp. 51-52).

Nesses dias o alívio só vinha durante a noite, nos sonhos. “Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver” (*Ibid.*, p. 345). Um sonho de realização de desejo quase infantil, na medida em que é uma realização praticamente sem disfarce. Poderíamos considerar uma possível metonímia na oferta do posto de capitão, o mesmo do finado marido da tia.

Num dia, como que do nada, decide olhar-se no espelho. Seguindo a contabilidade do tempo do personagem, podemos contar os dias em que ficou no sítio, pelo que o conto estabelece concretamente a cada passagem. Temos que levou *três semanas* para se tornar exclusivamente alferes, *um dia* em que a tia saiu, e *oito dias* de solidão, totalizando um período de 30 dias. *Um mês* foi o período que a tia havia dito que não lhe largaria antes. É nesse dia que o remete ao desejo da tia, que diz ter tido “um impulso inconsciente” de se olhar no espelho.

Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. O gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado. A imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos. As próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes (*Ibid.*, p. 346).

Lacan situa o estágio de espelho como “[...] um drama [...] que fabrica para sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica” (LACAN, 1966/1998, p. 100). Nesse ponto, temos a fantasia de desagregação do “eu alferes”, um acesso por imagem à sua dilaceração narcísica, uma experiência de perda da imagem ideal do corpo. A mensagem de que o sujeito não é todo alferes não passa pelos efeitos de significação, não conduz a alguma interpretação, e se manifesta como um retorno do recalçado, perturbador, e vindo como que de fora, um discurso do Outro. A teoria psicológica do personagem no

início do conto, sobre as duas almas, diz que essa aparição disforme é a perda da existência. Com a psicanálise considerariamos aí uma existência, de uma instância de enunciação do sujeito para além do eu, e do real que não tem nome, um exterior interno ao próprio sujeito. Por isso a teoria do personagem é psicológica, e não psicanalítica. A narrativa, por outro lado, permite entrever algo além da teoria do personagem.

Nesse ponto limite do drama, o personagem faz uma escolha:

Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Assim, cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regímen pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir (MACHADO DE ASSIS, 1882/1959, p. 345).

A solução de vestir a farda diante do espelho é uma restituição fantasmática de seu lugar de objeto do desejo do Outro, em um ritual de satisfação substitutiva. Nesse sentido, é como uma solução pelo sintoma. O valor do espelho nessa montagem não está apenas em ser um objeto que lhe reflete uma imagem, mas sobretudo por metaforizar a cadeia significativa que o idealiza, evocando seu lugar privilegiado na família e o desejo escópico envolvido. A farda produz uma superfície corporal real de alferes, convertendo em imagem o significativo da identificação ideal, e forjando uma consistência ortopédica para o “eu alferes”. Não há uma transformação da posição de sujeito, uma separação de sua captação fantasmática alienante, o que poderia abrir novas possibilidades de enlaces ao Outro. Renova a posição de que foi desalojado, encobrimdo qualquer questão sobre a castração.

Se no plano do personagem há essa orientação reiterada para o gozo narcísico, a estrutura narrativa faz surgir uma mensagem divergente. A saída da tia do sítio preterindo o sobrinho pelo cunhado, a ironia dos escravos que fogem denunciando a falácia do guarda nacional, e mesmo o cochicho do nada e a dissolução da imagem no espelho, são objeções ao discurso imaginário do personagem, que se ordenam pelo significativo da falta do Outro, o fato de que “nada é tudo”, como Lacan busca resumir seu objetivo com a teoria dos discursos, a “[...] força lógica [...] da incompletude”, a própria “castração” (LACAN, 1969-1970, p. 193). Não se trata de uma mensagem

enunciada por um personagem. Como que anônima, advém por fatos aparentemente fortuitos. O que está no enunciado da tia e dos escravos não é um dizer direto sobre a condição não toda do alferes, como uma opinião que emitiriam. Contudo, apontam para uma enunciação que interpreta o alferes de tal modo, como se houvesse uma outra voz no texto, distinta da dos personagens, acéfala, sem algum eu que a encarne, que retroage como objeção e crítica à estratégia fantasmática narcísica. Não se trata de algo que se produz por acaso, embora assim pareça e utilize com álibi, mas de um discurso ordenado nesse sentido.

INCONSCIENTE E TEXTO LITERÁRIO

No conto “Teoria do Medalhão” a narrativa é quase que eschachada, atribuindo significantes desqualificantes aos personagens que buscam notoriedade fútil, por estratégias imaginárias, e sem produções ou realizações de valor. No conto “O espelho”, por outro lado, o contraponto ao personagem é mais sutil e sofisticado no trabalho simbólico. Se os momentos em que o alferes é ironizado são discretos, e se o embate com a castração assume uma estética metafísica, as metonímias e metáforas em torno da queda da identificação permeiam toda narrativa. Por caminhos distintos, encontramos nos dois contos uma estrutura discursiva dividida, em que os personagens têm suas falas e ações cortadas por uma outra enunciação que as ressignifica, como uma objeção ou crítica, e que não se suporta em alguém, mas em puras articulações significantes.

No plano dos personagens encontramos o desejo orientado por estratégias imaginárias de sustentação do narcisismo, encobrendo a dimensão da falta inerente à ação o simbólico, e criando uma consistência que resiste à potência transformadora do encontro com o real, como seriam as ideias novas no conto do medalhão, ou a possibilidade de um novo laço ao Outro no conto do alferes. A frase fantasmática destacada da teoria do medalhão – “põe o teu nome ante os olhos do mundo” (MACHADO DE ASSIS, 1882/1959, p. 291) – serviria também para o alferes – “ponha sua nomeação aos olhos de todos”, e poderiam ser reduzidas a uma relação fantasmática fundamental na frase mínima *nome ao olhar*. Encontramos orientações semelhantes em personagens de outros contos do mesmo livro (MEIRELLES, 2004), e em outras produções do autor, tal como sugerem trabalhos críticos como “O enigma do olhar” (1999) de Bosi.

Em um plano que se distingue dos personagens, se produzem objeções a eles, reiterações da falta onde se pretendem completos, injunções à castração, e abalo das identificações. Esse discurso não possui um eu que o suporte,

situando-se no intervalo entre os significantes escolhidos, como um efeito dessa articulação. Este lugar de enunciação é equivalente ao lugar do sujeito do inconsciente. Desta forma, o que se localiza como inconsciente no texto não seria um conteúdo recalcado em alguém – no autor, no complexo de Édipo do personagem ou sua frase fantasmática –, mas a divisão discursiva do procedimento narrativo, em que se produz uma enunciação equivalente ao discurso do grande Outro. Com ele o leitor pode se separar da posição dos personagens, de modo equivalente ao que a extração do objeto a permite de separação à alienação constituinte do sujeito (BICALHO, 1990, p. 33). É pela produção de um ponto de vista que não está propriamente em ninguém nas cenas dos contos, que o objeto olhar se realiza destacado, e utilizado como um saber lidar com o enquadre da fantasia.

Com isso, encontramos uma aproximação entre a crítica social do autor e a lógica da incompletude tal como articulada por Freud com a castração e por Lacan em diferentes formalizações. Aos “medalhões” de sua época, e aos conluios de trocas de favores utilizando-se de nomeações e títulos, Machado de Assis se contrapõe utilizando recursos simbólicos equiparáveis aos que anos mais tarde a psicanálise localizou como inconsciente e estabeleceu como direção de análise. Se os personagens não realizam uma mudança de posição, se os contos não propõem um novo mundo, a queda dos ideais que os personagens representam cria no leitor um hiato, uma separação, em que se antevê a possibilidade de surgimento de uma outra posição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BICALHO, H. M. S. (1990) O fantasma na direção da análise. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BOSI, A. (1999) *O enigma do olhar*. São Paulo: Ática. 228 p.
- CANDIDO, A. (1968) “Esquema de Machado de Assis”, in: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, pp. 15-32, 1995.
- FREUD, S. (1914) “Sobre o narcisismo: uma introdução”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. 14, pp.77-108, 1996.
- LACAN, J. (1966) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, 937 p.
- _____. (1957-1958) *O Seminário – livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 532 p.
- _____. (1962-1963) *O Seminário – livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 367 p.

- LACAN, J. (1969–1970) *O Seminário - livro 17: o Averso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, 208 p.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. (1882) “Papéis Avulsos”. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, v. 2, p. 251-362, 1959.
- MEIRELLES, C. E. F. (2004) *Método psicanalítico e crítica*. São Paulo: s.n., 2004. – 109 p. Dissertação (mestrado), Orientadora: Walkiria Helena Grant – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade.
- SCHWARZ, R. (1990) *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 2000. 250 p.